

A Mulher Cristã

e os desafios da liderança



Ir. Saint Jean



Mère Saint Jean:
Uma Mulher na Liderança

Conferências de Ir. Kathleen Connell, RSCM

Mère Saint Jen: uma mulher na Liderança Kathleen Connell, RSCM - 2015

Nós costumamos conhecer muito pouco sobre a Mère Saint Jean. Ela viveu conosco, como RSCM, somente vinte anos - sendo que muitos destes anos foram marcados pela doença.

Sabemos que ela se casou com Eugenio Cure (o melhor e talvez o mais antigo de seus amigos), mas não sabemos exatamente como Apolonia entrou neste relacionamento. Em algumas Províncias, a Mère Saint Jean aparece envolvida em escolas com alunas internas que emergiam num ministério voltado para a classe média ou “elite”, uma identificação que certamente Gailhac não havia preparado para essa Mãe dos órfãos e amiga dos pobres.

Hoje, temos uma ladainha que menciona as diversas facetas da vida da Mère Saint Jean. Nós agradecemos à Mary Milligan pela tradução do original francês para o inglês, de 16 cartas de Gailhac para a Mère Saint Jean e de 35 cartas da Mère Saint Jean para Gailhac. É como se nós estivéssemos lendo seu diário espiritual porque ela é muito transparente. Agora somos privilegiados por ver essa jovem viúva (tinha 39 anos quando seu esposo morreu), sofrendo por causa dessa perda profunda, pessoal, tendo a convicção de que estava sendo chamada por Deus para um estilo de vida muito diferente - a vida religiosa.

A celebração do bicentenário do seu nascimento convidou-nos a conhecê-la um pouco mais - ler algumas de suas cartas, reler o primeiro volume da nossa história, tentar imaginar Apolonia de uma maneira nova e que fala para nós agora. Não vamos alterar os acontecimentos, mas ter novas intuições, novas interpretações. É uma questão de deixá-la entrar em nossas vidas e nos falar, um pouco mais sobre sua pessoa.

Nessa manhã, eu gostaria de partilhar minhas reflexões sobre a Mère Saint Jean: uma mulher na liderança. Minha colocação será uma versão mais desenvolvida das duas páginas de reflexão que nossa Província apresentou ao “Bicentennial Web” e focará dois aspectos de sua liderança.

O “*Courrier de Béziers*” revelou, em primeiro lugar, as notícias para os amigos sociais e conhecidos: “Madame Cure acaba de perder seu marido, um rico proprietário de terras e benfeitor do Orfanato, conhecido como Bom Pastor. Renunciando a todos os bens quer dedicar-se, e toda a sua fortuna, a este trabalho, um dos mais interessantes estabelecimentos de nossa cidade”. Assumiu a instituição e se encarregou da sua administração (18 de Março de 1849).

Desde o começo do Instituto do Sagrado Coração de Maria, os dotes de liderança de Apolonia foram reconhecidos. Ela era muito conhecida e respeitada, seja pelas autoridades civis ou eclesiais naquela cidade. Uns anos antes, Apolonia e seu marido, de comum acordo, decidiram direcionar suas energias filantrópicas para apoiar os sonhos de Gailhac, reconhecendo que ele estava efetivamente respondendo a uma necessidade crítica de Béziers. Agora, Apolonia age rapidamente usando sua herança em benefício da obra do Bom Pastor. Em 15 de fevereiro de 1849, exatamente cinco dias depois que a sua decisão de entrar na Comunidade foi confirmada, Apolonia tomou a iniciativa de comprar uma propriedade de Jambon, um terreno próximo ao Refúgio do Bom Pastor. Nesse terreno, foi construído o Pensionato com seus pátios e também, mais tarde, o prédio do Noviciado.

Nos meses que se seguiram à Fundação do Instituto, não houve um programa formal de formação. Esse não começou enquanto o grupo das 8 mulheres não estivesse completo e o Pe. Gailhac ainda estivesse trabalhando, a tempo integral como capelão do hospital, isto é, até junho de 1849. No entanto, Apolonia escolhe viver no meio das órfãs e das mulheres do Refúgio. Ela começou a ser transformada pelos pobres quando ela e seu marido davam apoio ao Bom Pastor. Agora ela vive em solidariedade com eles. Vendo as necessidades da casa, ela procurou providenciar as coisas necessárias como lençóis e outras melhorias para a casa das jovens e das mulheres.

Ela se mostra muito interessada supervisionando o progresso do trabalho.

No fim de agosto de 1849, ela escreve para Gailhac, que estava em Montpellier, dando-lhe informação do que acontece cada dia: quando ela se levanta, quem celebrou a Missa e quando foi. Ela lhe conta também que

visita as classes das alunas, suas idas para ver as crianças depois do almoço, volta às alunas, aprecia seu jantar, depois lê para as Irmãs no segundo jantar. Ela termina seu relatório admitindo que “estes dois dias pareceram mais longos que usualmente.” Mas ela vence todas as dificuldades incluindo a construção de uma escada. Talvez seja a longa e estreita escada, com velhos degraus, que subia para a sala da Comunidade.

Ela escreve: “ontem, eu conversei um pouco com o velho Chaneau sobre a construção da escada. Ele me disse que devemos construir tudo de uma vez. Do contrário, ele será obrigado cortar alguns cantos. Há quatro trabalhadores e então ele me convenceu de que logo tudo estará terminado. Os pedreiros, como sempre, trabalham no seu próprio ritmo. As portas estão funcionando. Eu falei bastante (28 de agosto de 1849).”

Mais tarde, em março de 1850, Apolonia começou a sentir ressentimento e interferências da família Cure, ansiosos pela partilha da fortuna de Eugenio. Consequentemente, Apolonia, agora Mère Saint Jean, transferiu a administração da propriedade dos Cure em Autignac feita por Martin Alphonse, um parente dos Cure, para Jean Gibbal, irmão da Mère Saint Stanislaus, que era advogado em Béziers. Isto permitiu-lhe vender a propriedade de Autignac e comprar terras em nome de Gailhac, em Bayssan-le-Haut. Esta compra tornou possível o começo da Colônia Agrícola para rapazes órfãos, em 1853.

Mère Saint Jean trabalhou com Gailhac para conseguir o reconhecimento legal do Instituto, em agosto de 1856, uma iniciativa muito boa que provou ser imensamente útil. O Instituto agora tinha o direito de possuir propriedades corretamente ou por Decreto Imperial assinado pelo Imperador Napoleão III, em junho de 1857, que dava poder a Gailhac e à Mère Saint Jean de possuir todas as propriedades anteriormente registradas em seus nomes, bem como todos os bens e terras que foram dadas pela Mère Saint Jean ao Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Foi a liderança da Superiora Geral, sua conexão com a Diocese e líderes municipais, sua confiança na visão de Gailhac que ajudaram o novo Instituto a sobreviver e se desenvolver em Béziers.

Peça por peça, nos princípios de 1860, Mère Saint Jean negociou com o Conselho Municipal por partes das terras próximas que lhe permitiram a construção do alto muro que circundava a Casa Mãe, possibilidade de ter um delicioso parque do outro lado da rua e a construção de uma ala para as jovens mais antigas da Preservação, com uma Capela para elas e para as Irmãs da Virgem. A Casa Mãe, como existiu até pouco tempo foi o produto da liderança e da visão da Mère Saint Jean.

A essa altura, preciso olhar para trás por um momento. Logo depois que Apolonia e Eugenio se mudaram de Autignac para Béziers (por volta de 1836), eles se comprometeram completamente com a visão do Pe. Gailhac. Como um casal católico, sem filhos, eles assumiram o sonho de Gailhac e tornaram possível a expansão de seus ministérios.

Rosa do Carmo explica que antes de 1842 Gailhac compreendeu que o Refúgio e o Orfanato tornaram-se muito pequenos. Ela escreve: “mesmo não tendo nas mãos os fundos necessários para a ampliação dos prédios, Jean Gailhac confiava na Providência e começou as reformas necessárias. Em 29 de agosto de 1842, ele comprou dois lotes de um terreno e começou a construção necessária para melhorar as condições da casa.”

A Providência incorporou-se neste casal, seus amigos, os Cure. Eles ajudaram a assumir as despesas do Bom Pastor porque eles acreditavam em Gailhac e seus ministérios tornaram-se seus ministérios também. E assim tudo começou. Em 1847, dão de presente para Gailhac as plantas e os meios necessários para construir a Capela Redonda.

Quando fico pensando nas visitas de Gailhac à casa dos Cure, durante esses anos, eu começo a imaginar a cena que muitas vezes vemos nos filmes, passados em ricas residências do século dezenove. Depois do jantar servido impecavelmente, os homens se levantavam de suas cadeiras e dirigiam-se para a sala de visitas ou para a biblioteca para tomar um “brandy” ou fumar enquanto que as mulheres iam para outra sala para bordar e conversar. Não é possível que Apolonia fosse sentar-se sozinha depois do jantar fazendo o seu bordado! Quando Eugenio e Apolonia convidavam Gailhac para o jantar, os três jantavam juntos e conversavam juntos, após o jantar.

Quando foi que os três tiveram um conversa, na casa dos Cure, nas Allées Paul Ricquet, sobre o desejo de Gailhac de acolher mais crianças órfãs para oferecer a possibilidade de vida nova àqueles que viviam sem esperanças, às mulheres que sofriam abusos em Béziers? Será que eles conversaram, em alguma noite, sobre a importância da educação para as meninas cristãs da classe média para que pudessem crescer como mulheres apaixonadas pela justiça e compaixão pelos pobres? Quando discutiram sobre o sonho de Gailhac de começar um Orfanato para jovens meninos para dar-lhes um lar e ensinar-lhes como cuidar das vinhas e fertilizar o solo?

Certamente nos começos de 1840, Gailhac começou a pensar sobre a fundação de uma congregação feminina (e talvez, eventualmente, também para homens) para partilhar seu carisma e se juntar a ele na sua missão de continuar o trabalho de Cristo, no Bom Pastor.

Os seus amigos conheceriam seus sonhos? Foi por isso que Apolonia e Eugenio se decidiram mutuamente que, se um deles morresse, o outro entregaria sua vida a Deus, através da Congregação que Gailhac desejava criar. Foi também extraordinário o fato de que, em 1847, Gailhac tenha feito o seu testamento, encarregando a Eugenio Cure, assumir a obra do Bom Pastor e, dois dias depois da morte de Eugenio, Gailhac re-escreveu seu testamento deixando o trabalho do Bom Pastor nas mãos de Apolonia.

Quando o Refúgio do Bom Pastor se tornou o Convento do Sagrado Coração de Maria, em 1849, Apolonia assumiu o nome de Mère Saint Jean e o título de superiora e fundadora. Ela continuou “the joint benefaction” (par de benfeitores) que ela e seu marido costumavam ser, agora usando o dinheiro herdado do seu marido para criar a Casa Mãe: “O Berço do Instituto” como foi apropriadamente chamado. Ali a vida comunitária foi criada numa resposta ao amor comum e o desejo de todos para servir. Lá, jovens mulheres, primeiro francesas, depois irlandesas, portuguesas, americanas, ou de diferentes nacionalidades foram formadas como Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A Casa Mãe também acolheu milhares de alunas internas e de órfãs, bem como mulheres adultas que precisavam de cuidados - jovens de todas as classes sociais foram acolhidas através dos anos. Foi mais do que um lugar

que se pode avaliar: a Casa Mãe tornou-se um símbolo de vida - tronco de uma árvore expandindo vários ramos, uma mulher que alimentava suas filhas, enviadas pelo mundo afora. Foi aqui no “Berço” onde o carisma foi vivido primeiramente e então transmitido de geração em geração.

Toda consideração sobre a Mère Saint Jean como uma mulher de liderança, deve, acima de tudo, considerar seu papel de líder espiritual no novo Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Este dom não foi conquistado tão naturalmente como foi o da sua liderança em criar oportunidades para a expansão material e seu relacionamento fácil com líderes civis e eclesiais. Sua liderança espiritual foi uma graça que Deus lhe deu, pela sua total busca de crescimento nas virtudes. Seu progresso pode ser percebido ao acompanharmos sua correspondência com o Pe. Gailhac (1849-1851) especialmente durante o mês de setembro de 1849. Esta correspondência toma a forma de direção espiritual escrita.

Quando começou esta correspondência, a Mère Saint Jean já estava cerca seis meses na Comunidade e tinha sido nomeada, pelo Pe. Gailhac como superiora e fundadora, enquanto as oito mulheres que, eventualmente formariam a primeira Comunidade ainda não estavam reunidas. Parece que na primavera e verão de 1849, a Mère Saint Jean não havia recebido nenhuma formação formal para a vida religiosa e ela ainda lamentava a perda do seu esposo e sua vida com ele.

Gailhac começa sua direção com uma afirmação confidencial: “eu não cometi um erro. Você é aquela pessoa que eu pedi a Deus, durante vários anos, com muita insistência” e termina sua carta com uma ordem familiar: “pertença totalmente a Deus e ame-O sem divisões” (29 de agosto de 1849). Quando Apolonia admite sentir uma certa tibieza e pergunta o que seu oposto - fervor - significa, Gailhac menciona, entre outras coisas, que o fervor consiste em: “praticar a virtude exigida pela sua posição e seu título de superiora e de mãe.” Daí para frente, tornou-se claro que Gailhac não a estava preparando isoladamente, mas para sua “vocação dentro da vocação”, sua liderança como superiora, mãe e fundadora. “Jesus a sustentará, Ele tornará as coisas fáceis para você” - Gailhac afirma-lhe isto (4 de setembro de 1849).

Devemos nos lembrar de que Gailhac conhecia Apolonia muito bem. Ele era seu amigo e seu diretor espiritual por muitos anos e a acompanhou em sua dor por ocasião da morte de Eugenio, seu esposo e o melhor amigo de Gailhac. Gailhac lembra a Apolonia quão bela e gloriosa é sua nova vocação como filha, fundadora e mãe de uma Comunidade. Então, na importante carta de Gailhac de 6 de setembro de 1849, ele traça algumas “considerações gerais” que parecem passos práticos de ação, mas que foram profundos e de maior importância para a formação de Apolonia como líder espiritual. Não havia ainda a Santa Regra para guiá-la. Gailhac ainda não a havia escrito. Ele estava fundamentando sua fundação em Jesus Cristo.

Preparando Apolonia para sua missão de formadora das outras irmãs, Gailhac começa por insistir na importância de estar atenta a seu comportamento: “Minha filha, ouça Jesus Cristo, nosso Senhor que será seu modelo. Jesus Cristo começa por fazer e depois ele ensina. Como você vê, o exemplo deve preceder à lição. Logo, a palavra será poderosa, eficaz e os corações não podem resisti-la.” Então Gailhac fala diretamente das virtudes que Apolonia mais precisa desenvolver: “Minha filha, trabalhe primeiramente para conservar uma grande igualdade de humor em todas as circunstâncias, com qualquer tipo de pessoa, lembrando-se dessas palavras do Senhor: “Aprendeí comigo a ser mansa e humilde de coração.”

Aí está - a gentileza e a humildade de Cristo! A gentileza e humildade de Cristo devem estar no coração de Apolonia, na sua formação como líder da nova congregação! Mais tarde, quando Gailhac estava escrevendo a Regra dos Padres do Bom Pastor, ele torna isto muito explícito: o espírito da congregação é o espírito de Jesus Cristo manifestado pela “humildade, simplicidade e gentileza.” Muitos anos mais tarde, Gailhac fala a outra superiora para se lembrar do que Jesus ensinava: “Bem aventurados são os mansos porque eles possuirão a terra.” Naquele tempo, muito depois da morte da Mère Saint Jean, Gailhac comentava, a partir de sua experiência pessoal, que a mansidão é o meio para conquistar o coração das pessoas: “Sou capaz de falar, por experiência, que o pouco bem que eu realizei com meus 60 anos de ministério, se eu fui capaz de realizar algum bem, se eu conquistei corações para Deus, foi pela gentileza, bondade, paciência e uma perseverança contínua... Nada é tão poderoso quanto à bondade, quando tem sua fonte no amor de Deus.” (9 de setembro de 1886)

Apolonia se sentia desafiada em traduzir estas disposições interiores de Jesus para seu dia a dia, com muita interação com as religiosas na Comunidade, com as crianças e as jovens com as quais trabalhava. Gailhac continua: “receba todas as pessoas com a mesma bondade, veja Deus em todas as criaturas, suporte todos os incômodos que elas lhe causarem, por vezes mesmo as suas grosserias. Sentir-se-á feliz por ter ocasião de renunciar a si mesma e oferecer a Deus um pequeno sacrifício. Fará tudo o que depender de si para nunca deixar que alguém vá embora descontente. Quando for obrigada a repreender ou recusar o que lhe pedem, fã-lo-á de tal maneira, que a própria repreensão ou recusa sejam bem aceites. Para conseguir isto, viverá unida a Jesus Cristo e perguntar-se-á interiormente, e com muita serenidade, o que diria ou faria este amável Salvador, se estivesse no seu lugar e sentir-se-ia feliz por se conformar com Ele.”

Gailhac termina sua carta de 6 de setembro de 1849 muito diretamente. Apolonia estava sendo convidada para entrar em sua formação formal, sem ilusões: “Limite-me a esta recomendação, minha querida filha, pois é tão importante que a considero base da perfeição. Certamente compreende que não é possível ser totalmente de Deus, estar-lhe unida, fazer progressos no caminho da virtude, enquanto não se trabalhar eficazmente, para dominar o próprio humor, o caráter, gostos e inclinações.

Encorajando Apolonia a progredir na virtude, Gailhac revela quem será a fonte de sua força: “Que Jesus esteja consigo, que Ele reine no seu coração e no seu espírito. Pertença-lhe na vida e na morte (6 de setembro de 1849 - retirado do Vol. I das cartas do Pe. Gailhac).

Daí para frente, o programa da liderança espiritual de Apolonia está claro. Ela deve tornar-se uma com Jesus Cristo e como Ele, mansa e humilde de coração. Parece que Apolonia compreendia perfeitamente a orientação de Gailhac, mesmo quando ele a repreendia dizendo que deveria testar sua paciência porque ela não compreendia o que lhe acontecia quando era inclinada a cair na tristeza. Maria era sua aliada nesta luta e ela pedia a Maria que lhe concedesse a graça de melhorar seu comportamento. “Sim, querido Pai, ela escreve para Gailhac, é com todo o meu coração que eu começarei a ser digna da minha vocação” (set. de 1849). Apolonia era tão aberta com Gailhac que ele era capaz de orientá-la na prática da virtude.

Parece que Gailhac não alterou nem desistiu jamais das “considerações gerais”. Se Apolonia parecia desanimada, ele lembrava-lhe tudo o que ela já havia oferecido a Deus e tudo o que Deus queria fazer por ela. “Qual não será a coroa que Ele concederá a quem dedicou sua fortuna ao alívio dos pobres, sua vida ao serviço deles, e todo seu ser à glória de Deus.” Gailhac assegura-lhe: “O nosso Deus é fiel... Sim, minha filha, pode sentir-se cheia de esperança, mesmo no meio das dificuldades... Deus a escolheu de preferência a outras, não vão lhe faltar os meios para ser perfeita... O próprio Deus será sua luz, seu guia, sua força e sua consolação em todos os momentos... Coragem e ânimo, minha filha.” (12 de setembro de 1849).

Em suas cartas a Apolonia, Gailhac continua sendo muito encorajador. Ele lhe fala do grande sacrifício que Deus lhe pede pela morte de Eugenio e sugere-lhe que a aceitação deste sofrimento poderá ser uma fonte de graças para ela: “Acredite que esta generosidade será de grande proveito para o nosso querido amigo que, assim o espero firmemente, está na presença de Deus... Coragem, minha filha. Deus está com você. Quem poderá estar contra você?” (20 de setembro de 1849)

Gailhac lembra, mais uma vez, à Mère Saint Jean a importância de assemelhar-se à ação de Jesus lavando os pés dos apóstolos, citando isto como um exemplo à liderança à qual ela foi chamada: “Dei-vos o exemplo para que façais como me vistes fazer.” Ele repete de novo a importância desta ação, identificando-se com Jesus Cristo. Embora ele não tenha dúvidas sobre a disposição geral do coração da Mère Saint Jean que é verdadeira, Gailhac convida-a a colocar em prática suas boas disposições: “Da manhã à noite, toda a sua conduta deverá ser a expressão desse desejo habitual de seu coração.” (25 de setembro de 1849)

Em sua última carta de setembro, tendo traçado um programa de vida para a Mère Saint Jean, ele não deixa possibilidades para que Apolonia não o cumpra: “É na admissão de nossa fraqueza que encontramos a força. É quando sentimos verdadeiramente nosso nada que nos pomos em estado de ser alguma coisa. Quanto mais incapazes nos sentimos, mais podemos servir aos designios de Deus.” Gailhac termina a sua carta com uma exortação final: “Coragem, minha filha, ame a Jesus, ame-O sempre mais. Diga-Lhe o seu amor a cada instante da noite e do dia. Dê-Lhe provas desse amor. Que tudo em você seja amor de Jesus, que tudo seja por amor de Jesus. O amor torna tudo fácil.

O amor não conhece obstáculos, corre, voa para todo lugar aonde chama o amor de Jesus. Seja sempre sua bem amada.” (27 de setembro de 1849)

Quando lemos as cartas da fundadora para Gailhac, notamos sua maturidade, seu crescimento como superiora, como mãe, como fundadora - missão à qual ela era chamada. Ela continua pedindo a Jesus e à sua Mãe as graças que ela sente necessárias. Ela não se desanima diante dos fracassos, mas continua agindo segundo a vontade de Jesus, lembrando-se de suas palavras: “Estou no meio de vocês como aquele que serve” (Lc 22, 27).

Cada religiosa da primeira comunidade tinha um importante ministério no novo Instituto e cada uma era reconhecida como uma fundadora. Ela era simplesmente a primeira fundadora. Quando ela estava muito doente em 1860, ela se lembrava do conselho de Gailhac: “Seja boa, pertença totalmente a Deus, ofereça seus sofrimentos para o bem das crianças. Uma superiora ajuda sua comunidade seja na saúde, como na doença, quando ela está unida a Jesus Cristo.” (13 de fevereiro de 1864)

O que se tornou muito visível em sua liderança espiritual foi sua certeza de que Deus está conosco. Esta certeza deu-lhe muita coragem, suficiente para partilhar com as outras pessoas quando tinham dificuldades. Segundo a tradição, suas últimas palavras dirigidas a Gailhac faziam menção de suas orientações no começo do Instituto: “Tenha coragem! Deus está com você e Ele sabe como consolá-lo nos tempos de sofrimento. Sim, nossa obra prosperará!”

Kathleen Connell, RSCM

Notas sobre a discussão com o CAEP - 05 /11/2015

Primeiro tópico

“Dar alguns pensamentos sobre as origens do Instituto, dos fundadores, da primeira Comunidade” - como eles se relacionam com o conteúdo do Ensino Religioso - Para a Rede Sagrado, Série A.

Primeiramente, eu gostaria de congratular todos aqueles que trabalharam nesse programa de Religião. Ele demonstra claramente o compromisso da Rede Sagrado com a Missão das RSCM. Devo confessar que eu conheço muito pouco sobre crianças. Eu nunca fui professora de crianças. Eu fui professora de jovens mulheres (de 18 a 22 anos de idade) por 43 anos no “Marymount College”, Tarrytown. Trabalhei com adultos, Irmãs, noviças, universitárias, Família Ampliada, com Delegadas da Rede de Escolas, mas nunca com crianças pequenas. Mas, vou fazer alguns comentários sobre o plano de vocês para grupos de diferentes idades.

Educação Infantil (3-5 ou 6 anos)

Quando estava refletindo sobre esse grupo etário, compreendi que nós não conhecemos muito sobre Gailhac nesta idade. Também, veio-me à mente o fato de não conhecermos nada sobre a vida de Jesus com esta idade, isto é, a presença no Egito e ida para Nazaré, exceto o encontro dele no Templo, quando tinha 12 anos. Nós só podemos imaginar Maria e José ensinando o Menino Jesus a rezar, como ouvir os pais, como partilhar com outros, como fazer amizades, como cuidar de seu corpo, como respeitar a natureza e os animais. Eles ajudam a formar as atitudes de Jesus. João Gailhac foi formado do mesmo modo durante seus primeiros anos. Seus pais, cuja fé cristã sobreviveu aos excessos da Revolução Francesa, certamente ensinaram seu filho mais velho como rezar, como partilhar com crianças pobres, como cuidar dos irmãos e irmãs mais novos, como descobrir coisas novas, como cuidar de seu corpo, como fazer amizades.

Como são privilegiados os professores da idade infantil, ao continuar o papel de Maria e José, dos pais de Gailhac, ensinando às crianças a se abrirem a novas coisas, de cuidarem de si mesmas e dos que as cercam e a desenvolverem atitudes esperançosas.

Devemos notar que Apolonia era sete anos mais nova que Gailhac e que eles se conheceram muito mais tarde. Pouca coisa é conhecida sobre a infância de Apolonia, exceto que era de Murviel, uma pequena cidade ao norte de Béziers e que sua família possuía parreirais. Ela era a única mulher e a caçula da casa. Naquele tempo, tinha dois irmãos. Um terceiro irmão havia morrido antes do nascimento de Apolonia.

Ensino Fundamental (7 a 11 anos)

Durante esse período, o professor é preparado para aprender sobre crianças: como elas vivem, o que elas nos ensinam, o que podemos aprender sobre as diferenças entre as crianças. Seus valores são os mesmos? De novo, nós sabemos muito mais sobre Gailhac nessa idade do que sobre Apolonia, nesse mesmo período.

Foi durante esse tempo o episódio que conhecemos de Gailhac dando seus sapatos e seus calções novos, de veludo, para uma criança pobre. Nós aprendemos a importância do ambiente, o lugar do lar, para formar a vida da criança. A casa de Gailhac era de pedras situada ao lado da Igreja Paroquial Santo Afrodísio.

A família partilhava o pátio da Igreja. Foi ali que Gailhac encontrou o Abade Martin, que era como um “avô”: contador de histórias, padre heroico que foi exilado para Roma, durante a Revolução Francesa. Era um pastor compassivo, especialmente para com os pobres, mulheres e crianças vulneráveis. Durante esses anos (7-11), Gailhac começa a descobrir o mundo, além de sua família. O Abade Martin lhe conta a situação da Igreja: perseguição, deportação de muitos padres durante a Revolução Francesa.

Fala-lhe sobre a Igreja Universal, centralizada em Roma, sobre as guerras provocadas pelo Imperador Francês Napoleão. É durante esses anos que Gailhac começa a fazer uma experiência de sua Igreja. Muitos anos mais tarde, ele escreve sobre o testemunho de fé que ele presenciou em sua casa, durante sua infância: “Quando o espírito cristão ainda reinava em nosso país... meus pais faziam orações pela manhã e à noite, juntos”.

Nas conversas, havia também alguma coisa que evidenciava uma fé viva e a religião era parte integral da vida. O jovem Gailhac começa a expressar sua fé por seu comportamento, como coroinha do Abade Martin, às 5 horas da manhã, na Missa matinal, desde a idade de 7 anos.

Durante esse período de sua idade (embora em épocas diferentes), ambos Gailhac (aos 7 anos) e Apolonia (aos 8 anos), sofrem a perda de um irmão. O irmão de Gailhac morreu quando estava com 1 ano; o irmão de Apolonia tinha 20 anos quando morreu e ela sofreu uma profunda dor com a morte do irmão.

Ensino Fundamental (12-15 anos)

Nesse estágio, o professor procura ver sinais de liderança nos estudantes. Se “liderança” significa obviamente uma liderança que influencia outros grupos de estudantes, eu não estou certa em ver em Gailhac um líder nesse sentido. Mas se o termo “liderança” significa que o jovem adolescente começa a ter responsabilidade pela sua vida, então seguramente, Gailhac, nessa idade, poderia ser chamado de “líder” no sentido de encontrar-se a si mesmo e descobrir o chamado de Deus.

Foi provavelmente nessa época que Gailhac recebeu sua Primeira Comunhão e Confirmação. Gailhac começou a frequentar o Colégio de Béziers quando tinha 12 anos e foi aí que ele começou uma amizade significativa com Eugenio Cure de Autignac. Eugenio era uma excelente escolha como amigo porque, como Gailhac, era inteligente e fervoroso.

No entanto, quando Gailhac tinha 14 anos, foi encorajado por seus pais a deixar a escola e treinar como aprendiz de farmacêutico, em Toulouse, sob a supervisão de seu tio. Em poucos meses, tornou-se claro para Gailhac que esse não era o projeto de vida ao qual Deus o chamava. Com permissão de seus pais, ele retornou à escola em Béziers. Foi logo após seu retorno que Gailhac começou a luta sentindo o chamado de Deus ao Sacerdócio. A experiência de Gailhac, em buscar a vontade de Deus para ele, pode ajudar os adolescentes na busca de um projeto de vida, especialmente porque ele contava com a ajuda do bom amigo Eugenio e do diretor Abade Martin.

Apolonia foi para uma escola em Béziers, como aluna interna, quando estava nessa idade. Recebeu a Primeira Comunhão na Catedral de Saint Nazaire com 12 anos, e foi confirmada dois anos mais tarde. A tradição nos fala que ela frequentou o Internato das “Dames de Saint Maure” e seus cadernos mostram que ela estudou História Sagrada, História Universal, francês e literatura clássica. Apolonia certamente estava segura de seu projeto de vida: casamento com um jovem de boa família, pertencente a sua classe social. Só mais tarde, quando saiu da escola, seu plano de se casar com Eugenio Cure de Autignac se realizou.

...É importante notar que o plano que envolve Gailhac e Apolonia, e também o programa religioso através das idades deste período, podem apresentar alguma dificuldade. Sabemos muito pouca coisa sobre Apolonia, enquanto ela vivia em Murviel, em sua família e quando ela veio para Béziers em sua adolescência. Quando comparamos nossos conhecimentos dos primeiros anos de Gailhac com os de Apolonia, reconhecemos que existe um desequilíbrio entre as histórias e os casos que conhecemos. Devemos ter cuidado para não deixar a impressão de que os primeiros anos de Apolonia são desinteressantes, em comparação com os de Gailhac.

Ensino Médio - antes da Universidade

O currículo religioso durante esses anos é focalizado nas diferentes tradições religiosas - indígenas, formas cristãs, Afro-brasileiras, Filhos de Abraão (Judaísmo), Cristianismo e Islâmismo. É interessante notar que, conforme o que eu conheço, Gailhac nunca falou em ter se encontrado com uma pessoa Judia ou Muçulmana ou de outras religiões, exceto com Protestantes na fundação de Lisburn, Inglaterra e SagHarbor. Gailhac tinha uma atitude aberta e respeitosa em relação aos Protestantes que ele encontrava, revelando tolerância em relação às diferentes tradições religiosas. Gailhac deixou claro que as crianças protestantes seriam sempre bem vindas nas escolas do Sagrado Coração de Maria, com a compreensão de que a escola, nas suas tradições, é Católica. Ele estimula as Irmãs de SagHarbor a fazer amizade com os Protestantes: “Quem sabe se Deus não destinou vocês a serem medianeiras da salvação de um grande número deles.”

Segundo Tópico

Eu gostaria de falar sobre a Escola Francesa de Espiritualidade de uma maneira muito simples. A Escola Francesa não é uma Escola de Teologia (a ser usada polemicamente contra os Protestantes). É uma Escola de Espiritualidade, em relação com a vida interior, a vida cristã. Ela se desenvolveu no século 17, que foi chamado de Idade de Ouro da Espiritualidade, na França. Tinha como foco a renovação da Igreja Católica, seu clero (especialmente seus Seminários) e suas congregações religiosas.

Embora Pierre de Berulle (1575-1629) seja considerado como fundador dessa escola, é verdade dizer que houve mais quatro fundadores adicionais, na primeira geração do movimento. Eles são geralmente descritos como “horizontalmente relacionados em vez de verticalmente no tempo” até que foram sobrepostos por Charles de Condren (1588-1641), Jean Olier (1608-1675), Vicente de Paulo (1581-1660) e João Eudes (1601-1680). Cada um desses homens contribuiu de uma maneira diferente ou com uma ênfase especial à versão de Berulle, dependendo da experiência espiritual de cada um deles.

Embora alguns historiadores gostem de aplaudir o século 18, como a Idade da Luz (Iluminação), este foi um ponto fraco da espiritualidade francesa com o domínio da Razão e o caos da revolução que tomou o lugar da renovação religiosa. A Escola Francesa de Espiritualidade reviveu no século 19, quando, depois dos anos de Revolução e do reinado de Napoleão chegarem ao fim.

Brevemente declarados, aqui estão alguns princípios básicos que refletem a Escola Francesa de Espiritualidade

1. Deus é Trindade, três Pessoas Divinas que se relacionam. Deus é um Deus de grandeza e majestade, merecedor de louvor, profunda reverência e adoração da humanidade. (A virtude da religião é enfatizada logo no início)
2. Mas quem somos nós criaturas pecadoras para oferecer louvor e adoração a um Deus tão grande? Embora os humanos tenham a capacidade de Deus e foram feitos por Deus, eles não são nada sem Deus (Berulle). As pessoas humanas são “totalmente nada por si mesmas e totalmente dependentes

da graça de Deus” (Olier). Todos da primeira geração dos fundadores concordam: Os seres humanos não conseguem adorar a Deus como Deus merece.

3. A Escola Francesa encontra uma resposta quando os fundadores colocam como foco a Trindade, não como um círculo fechado das Pessoas Divinas, mas como uma Trindade que se espalha por todo o mundo e para nós. A Palavra se faz carne e habita entre nós. Jesus é a Palavra encarnada enviada pelo Pai. Jesus é o Deus-Homem, Humanidade divinizada, o Único que pode oferecer a perfeita adoração. Berulle proclama a Encarnação como “o mais excelente trabalho de Deus.” Citando a teoria de Copérnico que afirma que é o Sol e não a terra que é o centro do sistema solar (que era então o Universo), Berulle escreve a mais importante Revolução Copérmica - JESUS CRISTO É O CENTRO DO UNIVERSO, O PRIMEIRO NASCIDO DE TODA CRIAÇÃO. Jesus Cristo é o perfeito sacrifício oferecido ao Pai (Condren). Somente Jesus, o perfeito adorador, pode oferecer ao Pai o louvor que Ele merece. Jesus Cristo é tudo.

4. Então o que devemos fazer? O que os Fundadores da Escola Francesa de Espiritualidade ensinam?

5. Devemos “esvaziarmo-nos” e “aderir a Cristo” e então podemos partilhar de suas disposições interiores e viver, com Ele, numa atitude de adoração e de louvor contínuo ao Pai. Um com Cristo, os cristãos podem completar os mistérios de Cristo, especialmente o mistério pascal (Berulle). Nós devemos praticar o DESPOJAMENTO, a ANIQUILAÇÃO DO PRÓPRIO SER, SEM VALOR na presença de Deus e em união com Cristo, como hóstia-vítima (Condren).

6. O Espírito Santo é o agente desta transformação em Cristo - o Espírito graciosamente derrama-se para todos. “A Dilatação de Cristo nesse mundo é o trabalho do Espírito Santo e da adoração a Cristo através da Igreja (Olier). Alguém perde o que é velho na sua pessoa “mergulhando-se no Espírito de Cristo.” Este é o único meio que temos de união com o Divino (Olier). Nós somos convidados para uma partilha em Cristo, num só Coração com as três Pessoas Divinas (Eudes).

Quais são os pontos comuns entre Gailhac e a Escola Francesa e de que modo Gailhac, vivendo no século 19, altera ou transcende alguns dos princípios da Escola Francesa de Espiritualidade?

1. A espiritualidade de Gailhac é trinitária, mas ele não escreve sobre as Três Pessoas Divinas na Trindade, mas sim sobre Deus derramando copiosas bênçãos, de Deus estendendo-se pela humanidade. Deus Pai envia Seu amado Filho para estar conosco. É ao Deus que faz aliança com a humanidade pecadora que Gailhac dá ênfase.

Em sua oração à Santíssima Trindade para obter a vida interior, Gailhac diz: “Ó Deus! Ó inefável Bondade! Vossa misericórdia cresce na medida em que a nossa transgressão multiplica e, quanto mais Vos ofendemos, Vós mais nos amais. Vós desejais nossos corações, esses corações tão inconvenientes, tão miseráveis. Vós não cessais de nos procurar com um amor eterno, até que Vós quase nos forçais a amar-Vos e a dar-Vos nossos corações em troca”.

Para Gailhac, Deus Pai é um Deus amoroso, misericordioso e compassivo, mas nunca um Deus inacessível. Ele é o Pai que nos ama muitíssimo, Ele mandou seu Filho para nós. A oração termina com Gailhac se assemelhando um pouco mais com Berulle. “Ó Deus de infinita Bondade! Ó inefável Clemência! Ó imensa Beleza! Nós, humildemente caímos a vossos pés! Queremos pertencer-Vos inteiramente, sem reservas, para sempre e sempre.” Mas Gailhac parecia ter uma intimidade e uma confiança no Pai, que não era enfatizadas pela Escola Francesa.

2. Gailhac apoiou fortemente a Escola Francesa, ensinando que Jesus Cristo é o centro de todas as coisas. Em uma de suas cartas importantes, Gailhac repete o mantra: “Jesus Cristo é tudo. Jesus Cristo é tudo” (GS/1/IV/80 A). A espiritualidade das RSCM é claramente Cristocêntrica.

Gailhac falava pouco sobre histórias evangélicas de curas ou parábolas e raramente ele cita os Evangelhos sinóticos, dando preferência a João e especialmente a Paulo, quase exclusivamente. Jesus Cristo é raramente visto no seu aspecto exterior. São as disposições interiores de Cristo que Gailhac contempla, as atitudes de Cristo, sua posição diante do Pai: obediência, humildade, esvaziamento; o relacionamento de Cristo com o povo, seu zelo e sua bondade.

De novo e de novo, Gailhac relembra às Irmãs que Cristo deve ser o centro de suas vidas e que devem viver através D'ele e com Ele (GS/12/IX/76 A). “Integramos as nossas vidas centradas em Cristo cujo amor em nós é fonte da nossa fé e zelo.” (RSCM Constituições, #9, 1983). Mais uma vez Gailhac relembra suas filhas que seus diferentes ministérios (todo trabalho de zelo) são a continuação do trabalho de Jesus Cristo, o Trabalho da Redenção. Tomar nossa cruz de cada dia é partilhar do Mistério Pascal de Jesus Cristo.

3. A linguagem de Gailhac difere do louvor majestoso, sublime, extático de Berulle, e do estilo imaginativo, poético de Olier. Os escritos de Gailhac são para suas “queridas filhas” e suas cartas são simples e cheias de bondade e de afeição.

Ele conhece cada Irmã e cada Comunidade para as quais está escrevendo. Só mais tarde, em seus tratados, é que Gailhac assume uma linguagem mais formal. Contudo, Gailhac raramente usa uma linguagem forte e mesmo negativa como usa a Escola Francesa que encoraja o “aniquilamento”, o “despojamento”, a “desvalorização do próprio ser.”

Por outro lado, Gailhac procura usar a linguagem Paulina de “esvaziar-se a si mesmo” e “colocar-se em Cristo”. Falando do nosso “nada” diante de Deus, Gailhac é mais inclinado a usar imagens do Evangelho, por exemplo: “a vinha e os ramos” (Jo. 15, 1-12).

4. Para a primeira geração da Escola Francesa, especialmente Olier, o Espírito Santo é o agente da transformação em Cristo. Gailhac partilha desta ideia. Como Mary Milligan, RSCM escreveu na sua tese de doutorado “Para que todos tenham vida”: “O papel do Espírito Santo na visão de fé de Gailhac é extraordinária. Enquanto há mais de 170 referências diretas à terceira Pessoa da Trindade, seu papel no mistério cristão é implícito, em quase cada página dos escritos de Gailhac. O Espírito é quem nos santifica, isto é, quem nos transforma em Jesus Cristo. Já que Gailhac vê a identificação com Cristo como objetivo da vida cristã e já que a identificação com Cristo é um dom trabalhado em nós pela terceira Pessoa da Trindade, o Espírito ocupa necessariamente um lugar central na sua visão de fé”.

Onde Gailhac - um homem do século 19 - se coloca na Escola Francesa que se iniciou no século 17.

Uma chave sobre a influência da Escola Francesa é o fato de que o Bispo daquela época em que Gailhac foi para o Seminário de Montpellier era o Bispo Nicolas Fournier que foi formado no Seminário de São Sulpice, fundado em Paris por Jean J. Olier, um dos fundadores da Escola Francesa.

Os outros dois Bispos de Montpellier, durante esse tempo da vida de Gailhac - Bispo François-Marie Le Courtier e François Marie de Cabrières - eram também conectados com a Escola Francesa de Espiritualidade.

Uma segunda “chave” descoberta por Mary Milligan é um convite a examinar as novas tendências devocionais do século 19 e a reação de Gailhac em relação a elas. Ela conclui: “Os escritos de Gailhac mostram que ele era marcadamente diferente do que era comum a seu tempo.” A comparação dada acima sugere que Gailhac preferia a espiritualidade da Escola Francesa em vez das interpretações e devoções do século 19 - na França.

Século 19 - Devoção ao Santíssimo Sacramento focalizado em exposições e bênçãos. O foco de Gailhac era na Eucaristia, como a Missa, o perfeito sacrifício oferecido.

Século 19 - Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, focalizado na reparação e expiação dos pecados ao invés de o Sagrado Coração de Jesus e o domínio universal do Coração de Cristo. O foco de Gailhac era o Sagrado Coração de Jesus, como o centro da vida interior de Jesus, o Coração como o Centro da Pessoa de Jesus, o Coração ardendo de zelo e de amor, o Coração de Jesus como a Fonte da Unidade na Comunidade onde nós encontramos o Coração de Cristo.

Século 19 - Devoção a Maria. Para Gailhac o foco era semelhante ao de Jean Eudes: ênfase no Sagrado Coração de Maria, sempre unido ao Sagrado Coração do seu Filho, cheio de ardor, com amor por seu Filho. O Coração de Maria é o verdadeiro centro de Maria. Não é uma virtude de Maria ou um lugar associado com Maria, mas o Coração de Maria que representa sua pessoa inteira. O Sagrado Coração de Maria é o nome e o modelo que Gailhac

escolheu para suas filhas. É ela cujo coração ardia com o fogo de seu Filho, ela que possuía, em plenitude, toda a disponibilidade interior de Cristo.

Outra “chave” clara a ser mencionada. A Escola Francesa de Espiritualidade dependia inteiramente dos escritos de Paulo e de João e raramente usava os Evangelhos sinóticos. O mesmo se pode dizer, enfaticamente, sobre os escritos de Gailhac.

Então respondendo à pergunta colocada sobre Gailhac e a Escola Francesa: Gailhac tinha confiança e uma relação íntima com Deus Pai e com sua delicada e afetuosa linguagem, comunicando-se com suas filhas, evitava termos negativos usados pela Escola Francesa (por exemplo: aniquilamento), que traduzia por “alternativas” usadas em sua experiência pessoal. Contudo, Gailhac era mais do que “uma simples reflexão da Escola”. Foram seu coração, sua visão de fé e o carisma que ele passou para nós.

Terceiro Tópico

Foi feito um pedido de oferecer maiores informações sobre a Mère Saint Jean. Estou enviando um artigo que escrevi em fevereiro de 2010 intitulado: Mère Saint Jean: uma mulher líder. Talvez já tenha sido traduzido para o português. Discutindo alguns pontos desse conteúdo quando estive com o CAEP, em novembro de 2015, acrescentei os seguintes comentários: “Eu estou me convencendo de que, Apolonia e Eugenio Cure, deveriam ser os patronos da FA SCM e que deveríamos rezar para eles, pedindo-lhes o sucesso desse projeto.

Eugenio e Gailhac foram grandes amigos durante seus anos de escola em Beziers. Em 1821, Gailhac foi para o Seminário em Montpellier e Eugenio foi estudar advocacia em Toulouse. Em 1831, Eugenio se casou com Apolonia e foram morar em Autignac até cerca de 1836 quando o casal se mudou para Beziers e tornou-se amigo de Gailhac.

Como um casal católico sem filhos, eles assumiram os sonhos de Gailhac e tornaram possível a expansão de seus ministérios com as mulheres do Refúgio e com as crianças do Orfanato. Eles se comprometeram em

realizar a visão de Gailhac. Eles foram as primeiras pessoas a conhecer, a experimentar e a ser conquistados pelo carisma de Gailhac.

Depois da morte do seu esposo, em 1848, Apolonia usou a herança que Eugenio lhe deixou para a compra das propriedades onde funcionavam os ministérios na Casa Mãe em Béziers. Também comprou as terras para a Colônia Agrícola dos meninos órfãos que foi construída em Bayssan.

Era o meio encontrado por Apolonia para dar continuidade ao conjunto de benfeitorias que ela e Eugenio haviam começado. Ela deu mesmo sua vida pela continuação do carisma de Gailhac, tornando-se fundadora das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.”



Mère Saint Jean: uma mulher na Liderança

Ficha Técnica

Edição:

*Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira - Belo Horizonte, 2016*

Conselho Provincial:

*Ir. Ana Helena Andreão
Ir. Judith Caliman
Ir. Marília da Paz Bellini*

Elaboração:

Centro de Fontes

Tradutora:

Ir. Maria de Lourdes Machado

Digitadora:

Ir. Fernanda Marques de Oliveira

Projeto Gráfico:

*Coordenação - Ir. Lúcia Pereira de Rezende
Diagramação e Capa - Lucienne do C. Félix Teixeira*

Impressão:

Centro de Fontes - Edição de 30 exemplares - Março/2016


de Vida - IRSCM
Centro de Fontes
email: cfontes@rscmb.com.br



Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Rua Cura d'Ars, 74 - Prado
30411-123 - Belo Horizonte - MG
Brasil